



DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE FADAS

Rebeca Paz dos Santos

RESUMO

As pesquisas feitas para a elaboração deste trabalho tiveram como objetivo estudar e detalhar alguns aspectos importantes sobre os contos de fadas, abordando sua contribuição para a literatura infantil a partir de seu caráter pedagógico e valores éticos. O conteúdo da pesquisa teve como embasamento teórico os conceitos de filósofos e estudiosos do conto como Jung, Chesterton, Tolkien, Bettelheim, Gregersen, Jolles e Guerreiro para tratar sobre a função dos contos de fadas e suas características mais importantes.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Contos Maravilhosos, Contos de Fadas.

ABSTRACT

The research done for the preparation of this article aimed to study and detail some important aspects about fairy tales, approaching their contribution to children's literature from their pedagogical point of view and ethical values. The research content was theoretically based on the concepts of philosophers such as Jung, Chesterton, Tolkien, Bettelheim, Gregersen, Jolles, and Guerreiro to deal with the function of fairy tales and their most important characteristics.

Keywords: Children's literature; Fantastic Literature; Fairy Tales.

INTRODUÇÃO

Contos de fadas, também popularmente conhecidos como contos maravilhosos ou clássicos infantis, se caracterizam por serem histórias antigas que no passado eram passadas de geração em geração através da oralidade. Ao longo dos séculos essas histórias sofreram alterações, mas não perderam sua essência e hoje se apresentam da forma como as conhecemos. Já é comprovado cientificamente que a leitura dessas histórias para o público infantil ajuda a desenvolver nas crianças o hábito da leitura, promove o desenvolvimento da linguagem escrita e oral enriquecendo sua comunicação, auxilia as crianças a expressarem seus sentimentos favorecendo a interação social e contribui para a construção do imaginário infantil. Os contos

de fadas são grandes aliados dos professores dos anos iniciais por divertirem e estimularem o imaginário e contribuírem com a aprendizagem. Neste estudo procuraremos apresentar reflexões sobre a importância dessas histórias fantásticas e como elas estão intimamente ligadas a conceitos pedagógicos.

De acordo com Diana Luz de Barros, à luz dos conceitos de Bakhtin, “o texto é considerado objeto de significação, isto é, um “tecido” organizado e estruturado, e, também, um objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico”. É nesta perspectiva que pretendemos estudar os contos de fadas, como clássicos da literatura infantil. (BARROS, 2003, p.1)

AS DEFINIÇÕES E AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, também conhecidos como contos fantásticos, são narrativas de efeito moralizante que visam trabalhar o imaginário das crianças de forma com que desejos, sonhos, curiosidades, medos e conflitos comecem a surgir para que esses mesmos leitores tenham mais facilidade de resolver seus problemas existenciais na medida em que estes problemas são tratados de forma simples e real nas narrativas fantásticas.

Filósofos e estudiosos do conto fantástico definiram – e definem, esse tipo de obra literária de maneiras diferentes. Para alguns os contos representam um gênero literário menos estudado e mais misterioso; outros veem o conto fantástico como forma de tratar os dilemas mais universais do ser humano; há aqueles que definem esses textos como formas de desenvolver o imaginário infantil, a capacidade criativa da criança e sua personalidade. É possível ainda encontrar outras definições. Fato é que, seja como mera forma de entreter ou divertir, seja como forma artística ou como ferramenta pedagógica de ensino de tom moralizante ou seja como ato de subcriação do homem, o conto fantástico ao longo dos séculos ganhou notoriedade e faz parte da infância da grande maioria das crianças em idade escolar.

André Jolles, escritor especialista em contos de fada, trata esse tipo de narrativa como um gênero literário menos estudado e mais misterioso. Diferente da novela – em que o novo, de formato artístico elaborado e forjado e de temas novos e atuais são o foco do texto, o conto de fadas tem como características principais a forma simples, a criação espontânea, os cenários modestos, número de personagem reduzido, menos novidade e geralmente são escritos por autores desconhecidos.

Em contrapartida, afirma André, o conto perde um pouco para a atualidade das novelas, mas ganha em profundidade por tratar dos temas que falam sobre as indagações mais universais do ser humano. O autor compartilha da mesma concepção sobre os contos de fada defendida pelos irmãos Grimm, que acreditavam que o conto tinha origem tão misteriosa quanto a própria linguagem e até mesmo a religião. Para Jolles, o conto de fadas trata sobre uma realidade mais profunda do que qualquer outro tipo de texto é capaz de traduzir, enriquecida por arquétipos válidos para a construção do conhecimento.

Para Bruno Bettelheim, o conto de fadas é capaz de desenvolver a capacidade criativa das

crianças. Através deste tipo de literatura a criança consegue fugir de seus medos interiores, ansiedades e ódio, e consegue diminuir as pressões do meio social. Além disso, os contos de fadas sempre remetem à ideia de um final feliz, que é uma maneira da criança sentir-se aliviada e resolver seus problemas reais com o auxílio de sua imaginação, levando a criança a desenvolver valores moralmente positivos.

Ainda segundo o estudioso, o conto de fadas pode divertir e ao mesmo tempo induzir a criança para voltar-se a si mesma favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade “oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança”. (BETTELHEIM, 2007, p.12).

Outro fator característico deste tipo de literatura é seu compromisso com a arte, pois além dos fatores pedagógicos, o que traz prazer à criança ou ao adulto que lê um conto de fadas é o fato deste tipo de narrativa ser também classificado como obra de arte “o conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte”. (BETELLHEIM, 2007, p.13).

Além das características citadas acima, cabe ainda salientar que este tipo de literatura traduz para o imaginário infantil de maneira bastante simplificada todas as situações do cotidiano, tratando de forma muito fácil os dilemas existenciais da criança sob o prisma de personagens que se confrontam como o mocinho e o bandido, o herói e o vilão, a bruxa e a fada, e que lidam com problemas e situações reais fazendo com que a narrativa encoraje e alivie as tensões inconscientes dos dilemas infantis enfrentados ao longo do desenvolvimento da criança:

É uma característica dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Quanto ao teor moralizante deste tipo de narrativa, Gabriele Greggersen explica:

Um aspecto que nos ajuda a distinguir os contos de fada de qualquer outro tipo de conto é sua mensagem fortemente moralizante, embora não seja uma exclusividade dos contos de fada. Essa moralidade não é artificialmente imposta, mas é inerente ou subjacente à história; ela convida o leitor a uma reflexão mais profunda sobre a essência das coisas. (GREGGERSEN, 2006, p. 66).

O conto de fadas, como já conhecido historicamente, não pode ser compreendido como uma história que recria fingimento ou ilusão, pelo contrário, ele cria uma nova realidade e assume vida própria dentro de outro plano.

Segundo o jornalista e escritor inglês G.K. Chesterton, o conto de fadas nos traz um tom de dignidade reconhecida universalmente do homem representado dentro de um mundo lúdico, que tem leis diferentes do mundo real, mas não são absurdas quando vivenciadas no mundo fantástico. Chesterton afirma que o homem só é capaz de perceber que a vida é um privilégio

quando se depara com o imaginário deste tipo de narrativa. O conto maravilhoso, para o escritor, leva o homem a fazer múltiplas interpretações e transformar sua perspectiva quando retorna à sua realidade.

Para Tolkien, os contos fantásticos representam a subcriação do homem e sua vontade de ser Deus, já que da mesma maneira que Deus criou o mundo, o homem descobriu que poderia criar mundos imaginários em outro plano, suprimindo sua vontade de sobreviver às profundezas do espaço e do tempo e manter contatos dialógicos com seres não humanos, diminuindo, assim, a distância entre o homem e a natureza.

Segundo o autor, o conto de fadas começou a exercer três grandes funções a partir do momento em que se tornou uma necessidade humana concretizada no ato da subcriação. São elas:

- i. Consolação: sentimento de contentamento, de final feliz.
- ii. Resgate: fuga da visão estreita da realidade.
- iii. Restauração: ato de dar valor às pequenas coisas da vida e também renovação da saúde mental, física e espiritual do homem.

Além disso, estudiosos afirmam que esse tipo de literatura é fundamental para qualquer tipo de aprendizagem:

Por meio desse tipo de conto, o homem reconhece seus limites. E, com isso, pode até, para a sua surpresa, acabar conseguindo superá-los. Acreditamos que esse tipo de superação, ou transcendência, é fundamental para toda e qualquer aprendizagem e que não haja educação possível sem essa abertura e ruptura (GREGGERSEN, 2006, p. 62).

Para Jung, o leitor do conto de fadas pode reconhecer-se ao se deparar com os arquétipos que descobre em seu inconsciente pelo ato da leitura. C. S. Lewis afirma que, mesmo sendo classificada como literatura infantil, os adultos também sabem reconhecer sua importância. De acordo com o autor, podemos entender que os contos de fadas não são escritos para iludir ou seduzir o público infantil, mas sim para mostrar às crianças o prazer de conquistar um mundo fantástico através de sua imaginação, diferentemente de outros tipos de textos infantis que distorcem a realidade e levam as crianças a serem egoístas.

Por fim, é importante ressaltar que todo conto de fadas, além de trazer histórias fantásticas – de reis, rainhas, bruxas, fadas, princesas e animais falantes que animam e divertem crianças de todas as idades, visam principalmente transmitir ao seu leitor infanto-juvenil conteúdo moralizante e ético e o valor de virtudes como o amor, o perdão, a liberdade, a esperança, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da existência de muitos estudos sobre os contos de fada ao redor do mundo e, em alguns casos, existirem divergências de opiniões, é inegável os benefícios que os contos trazem aos leitores infanto-juvenis. Os contos fazem parte da formação do indivíduo através de seu

conteúdo moral e ético e diferentes situações que transformam e perpetuam valores.

Desta forma, entende-se a adoção dos contos de fadas nos primeiros anos da vida escolar para que os alunos possam viver, em um mundo imaginário, de maneira simples, situações ainda não vivenciadas em sua vida real e que, em um futuro, será de grande valia para tomadas de decisões pois a criança, de certa maneira, outrora “vivenciou” a situação de uma maneira simplificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense – Universitária, 1981.

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia, e enunciação. In: BARROS; FIORIN, J. L. (Orgs). Dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo: Editora da USP, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BUSATTO, C. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, N. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, M; CORSO, D. L. Fadas no divã. A psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURAND, G. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

GREGGERSEN, Gabriele. A Antropofagia Filosófica de C.S. Lewis. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

GREGGERSEN, Gabriele. A magia das Crônicas de Nárnia: uma abordagem para pais e educadores. Rio de Janeiro: GW Editora, 2005.

GREGGERSEN, Gabriele. (org.). O Evangelho de Nárnia: ensaios para decifrar C.S. Lewis. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GUERREIRO, Silas (Org.). Antropos e Psique. São Paulo: Olho D'água, 2000.

HUECK, K. O lado sombrio dos contos de fadas. São Paulo: Super Abril, 2016.

JOLLES, André. Formas Simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste. São Paulo: Cultrix, 1976.

KRISTEVA, Julia. Introdução à Semanálise. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.